

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE FONOAUDIOLOGIA
TRABALHO DE MONOGRAFIA II

MARIANA DANN GAMARRA

GRUPO TERAPÊUTICO EM FONOAUDIOLOGIA:
LUGAR DE ENUNCIÇÃO E DE ESCUTA

Porto Alegre
2022

MARIANA DANN GAMARRA

GRUPO TERAPÊUTICO EM FONOAUDIOLOGIA:
LUGAR DE ENUNCIÇÃO E DE ESCUTA

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do título de bacharel em Fonoaudiologia.

Orientador: Prof. Dr. Jefferson Lopes Cardoso

Porto Alegre

2022

MARIANA DANN GAMARRA

**GRUPO TERAPÊUTICO EM FONOAUDIOLOGIA:
LUGAR DE ENUNCIÇÃO E DE ESCUTA**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado e aprovado para obtenção do título de Bacharel em Fonoaudiologia no Curso de Graduação em Fonoaudiologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 05 de Maio de 2022.

Prof^a. Dr^a. Ana Paula Ramos de Souza

Coordenador da COMGRAD Fonoaudiologia

Banca Examinadora

Jefferson Lopes Cardoso, Doutor
Orientador - UFRGS

Luiza Milano, Doutora
Examinadora - UFRGS

Márcia Silvério Rodrigues, Pedagoga
Examinadora - FADEM

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Ivanise e Assis, que sempre acreditaram em mim, mesmo quando eu não acreditei. Vocês me fizeram não desistir. Serei eternamente grata pelo dom da vida e todos os privilégios que vocês me proporcionaram, que me fizeram estar escrevendo esse agradecimento. Amo vocês, obrigada por tanto.

Ao Léo, por ser a pessoa mais pacienciosa do universo e me preencher de amor quando eu me sentia completamente vazia. Obrigada por não desistir de mim, leãozinho, eu te amo.

Às minhas amigas, Ariane e Taynara, que sempre estiveram ao meu lado, nos bons e maus momentos, desde o ensino médio. Obrigada gurias, amo vocês.

À neuronhada, que acompanhou todos os perrengues da graduação e chorou as pitangas junto quando foi necessário. Vocês são demais, obrigada.

À minha dupla imbatível, Marília, que idealizou e acompanhou todo o percurso do grupo comigo. Sem ti esse trabalho não seria possível. Muito obrigada.

Ao meu orientador, Jefferson, por ser sempre um mestre extremamente compreensivo e disposto a ajudar no que fosse preciso. Se não fosse a sua empatia e a sua escuta eu não teria finalizado esse trabalho. Minha eterna gratidão por tudo.

À professora Luiza, que além de aceitar integrar a banca deste trabalho, me apresentou no início da graduação a riqueza da linguagem. Muito obrigada por me mostrar a Fonoaudiologia como ela realmente é.

À Pedagoga Márcia, pelas contribuições e por gentilmente aceitar integrar a banca deste trabalho. Muito obrigada.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por me proporcionar uma formação pública, gratuita e de qualidade.

“Words are, in my not-so-humble opinion, our most inexhaustible source of magic.

Capable of both inflicting injury, and remedying it.”

Albus Dumbledore

RESUMO

O presente trabalho aborda o trabalho com grupo terapêutico na Fonoaudiologia sob a perspectiva da Teoria Enunciativa do linguista Émile Benveniste, associada à uma noção de escuta. O objetivo do trabalho é propor uma abordagem de trabalho em grupo a partir dos pressupostos teóricos da Teoria da Enunciação. Trata-se de um estudo qualitativo descritivo, que acompanha longitudinalmente o trabalho de um grupo terapêutico em um estágio curricular do curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Os dados foram retirados de recortes de relatos dos encontros do grupo, sendo as análises direcionadas especialmente a um dos participantes, designado de *participante acompanhado*. Observamos, a partir das análises, uma nítida mudança por parte do *participante acompanhado* ao longo dos encontros do grupo, que passou a reconhecer-se e ser reconhecido no seu lugar de fala. Foi demonstrado, portanto, que a utilização de um referencial teórico na condução de um trabalho em grupo na terapia fonoaudiológica, que oferece um espaço de enunciação e de escuta, favoreceu a apropriação da língua por parte dos participantes, fazendo com que eles se constituíssem plenamente enquanto sujeitos na linguagem; percebemos também a importância do trabalho com grupos terapêuticos na formação clínica das terapeutas que coordenaram o grupo.

Palavras-chave: Fonoaudiologia; grupo terapêutico; enunciação; linguagem; escuta.

ABSTRACT

This paper approaches the therapeutic groups in Speech Therapy from the perspective of the Enunciative Theory of the linguist Émile Benveniste, associated with a notion of listening. The purpose of the study is to reflect on the place of enunciation and listening that the therapeutic group gives to its participants. This is a descriptive qualitative study, which longitudinally follows the work of a therapeutic group in a curricular internship of the Speech Therapy course at the Federal University of Rio Grande do Sul. The data are taken from clippings of reports of the group meetings, analyzing especially one of the participants, designated as accompanied *participant*. We observed, from the analyses, a movement of the accompanied participant throughout the group meetings, starting to assume his place of speech. It was shown, from the analysis, that the use of a theoretical referential in the conduction of group work in speech therapy, which offers a space for enunciation and listening, favored the appropriation of language by the speakers, causing them to constitute themselves as subjects in language. We also realized the importance of therapeutic groups in the clinical training of the therapists who coordinated the group.

Keywords: Speech therapy; therapeutic group; enunciation; language; listening.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	TRABALHO TERAPÊUTICO EM GRUPO.....	10
2.1	O TRABALHO EM GRUPO NA FONOAUDIOLOGIA.....	11
2.2	O GRUPO COMO UM LUGAR DE ENUNCIÇÃO E DE ESCUTA.....	14
3	METODOLOGIA.....	18
3.1	DELINEAMENTO.....	18
3.2	DO CORPUS.....	18
3.3	DOS DADOS.....	19
3.4	DA APRESENTAÇÃO DOS DADOS.....	19
3.5	DA ANÁLISE.....	19
3.5.1	Das diretrizes de análise.....	19
3.6	DAS CONSIDERAÇÕES ÉTICAS.....	20
4	APRESENTAÇÃO DO MATERIAL DE ESTUDO CLÍNICO.....	20
4.1	O GRUPO.....	20
4.2	PARTICIPANTE ACOMPANHADO.....	23
4.3	ENCONTROS DO GRUPO.....	25
4.3.1	Relatos dos encontros.....	25
5	ANÁLISES.....	28
6	GRUPO TERAPÊUTICO EM FONOAUDIOLOGIA: LUGAR DE ENUNCIÇÃO E DE ESCUTA.....	30
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
	REFERÊNCIAS.....	33
	ANEXOS.....	35
	ANEXO A – Carta de Aprovação do Comitê de Ética	35

ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)..... 36

1 INTRODUÇÃO

O trabalho em grupos terapêuticos tem sido uma ferramenta utilizada na prática clínica e há diversas evidências de que o ambiente dos grupos é uma abordagem social e terapêutica válida (ARAÚJO; FREIRE, 2011). O presente trabalho abordará a modalidade de grupos terapêuticos na Fonoaudiologia. Tal modalidade ganhou mais relevo no trabalho clínico voltado para o campo da linguagem, e se tornou o foco principal do meu estágio curricular: estágio supervisionado de avaliação fonoaudiológica. Este, por sua vez, ocorreu em um período atípico durante a pandemia do COVID-19, e, portanto, os atendimentos foram realizados de forma remota.

Foi a partir dessa experiência de estágio que a ideia para este trabalho surgiu, buscando compreender se esta mesma experiência positiva com grupos terapêuticos, descrita na literatura, seria encontrada no atendimento remoto e em tempos mais difíceis dos que convencionalmente os grupos eram vivenciados, isto é, se tratava de um período de isolamento social, em que o convívio estava extremamente restrito e as pessoas estavam se (re)adaptando a diversas situações para seguir em frente.

A principal questão que norteou este trabalho foi: os grupos terapêuticos na modalidade remota, em período de isolamento social, podem auxiliar tanto nas questões fonoaudiológicas mais específicas, quanto na interação e na enunciação¹ dos sujeitos que dele participam? Assim, os objetivos deste estudo são: propor uma abordagem de trabalho em grupo na Fonoaudiologia a partir dos pressupostos teóricos da Teoria da Enunciação; refletir sobre o espaço de fala e de escuta oferecido pelo grupo e as implicações singulares deste nos participantes.

Além de ter grande interesse em demonstrar que a prática clínica não precisa necessariamente ser voltada a um processo curativo, tive a oportunidade de vivenciar vínculos terapêuticos que corroboram meu pensamento. Através de uma abordagem terapêutica subsidiada pelos pressupostos teóricos do linguista Émile Benveniste, que se preocupa com o lugar de falante do paciente, e uma noção de escuta a partir de Silva (no prelo) que dá suporte e reconhece a importância do interlocutor numa relação intersubjetiva, o grupo se tornou para além de uma

¹ Esse conceito será melhor esclarecido nos capítulos seguintes, em que trataremos da Teoria Enunciativa do linguista Émile Benveniste.

intervenção terapêutica, um espaço de diálogo, e que permitia uma relação horizontal entre terapeutas e pacientes, tornando-os todos *participantes* de um grupo que construiu uma identidade própria.

A hipótese que se tinha era a de que o trabalho com grupos terapêuticos, em modalidade remota e em período de isolamento social, contribui para a constituição da subjetividade dos participantes do grupo, através das relações intersubjetivas que se estabelecem nesse espaço. Um espaço de fala e de escuta, que, por meio da linguagem, articula o que é da ordem do singular e do coletivo.

A partir do referencial teórico mobilizado e dos dados obtidos, refletiremos sobre o espaço de fala e de escuta oferecido pelo grupo e as implicações singulares deste nos participantes. Para tanto, falaremos brevemente sobre o surgimento do trabalho terapêutico, assim como faremos um apanhado de trabalhos dispostos na literatura que tratam do trabalho em grupos terapêuticos na Fonoaudiologia. A seguir, será feita uma explanação sobre o referencial teórico que nos embasa, explorando conceitos postulados por Benveniste em sua Teoria da Enunciação e as reflexões de Silva (no prelo) sobre a relação entre o conceito de escuta e de enunciação. Posteriormente, será abordada a metodologia proposta e a apresentação dos dados, seguidas da discussão e análise do material, baseadas no referencial teórico mobilizado.

O trabalho que será desenvolvido se justifica, portanto, pela necessidade de partilhar a experiência obtida num estágio curricular e refletir a respeito da abordagem utilizada e das questões que surgiram no desenvolvimento do trabalho com grupos terapêuticos.

2 TRABALHO TERAPÊUTICO EM GRUPO

Os primórdios do desenvolvimento da humanidade demonstram que entendemos o conceito de grupo como algo evolutivo, que proporcionou a estruturação da vida em sociedade e a criação de grandes civilizações (VAGHETTI et al., 2007). O ser humano nasce em sociedade, num determinado grupo, e aí se desenvolve, tornando, portanto, o pertencer a um círculo de pessoas algo intrínseco ao desenvolvimento humano. Zimmerman (2000, p. 79) aponta que:

“O ser humano é gregário, e só existe, ou subsiste, em função de seus interrelacionamentos grupais. Sempre, desde o nascimento, ele participa de diferentes grupos, numa constante dialética entre a busca de sua identidade

individual e a necessidade de uma identidade grupal e social. Um conjunto de pessoas constitui um grupo, um conjunto de grupos e sua relação com os respectivos subgrupos se constitui em uma comunidade, e um conjunto interativo das comunidades configura uma sociedade.”

Na área da saúde, a modalidade de grupos terapêuticos já existe há bastante tempo (BORGES; BATISTA; VECCHIA, 2011), tanto no campo da fonoaudiologia como em outros (psicologia, medicina, nutrição, etc.). Acredita-se que os primeiros grupos terapêuticos surgiram durante a Segunda Guerra Mundial, em um hospital lotado por 400 homens, sob os cuidados do psiquiatra inglês W. R. Biron (CORRÊA, 1994).

Mais tarde, Biron, intrigado pelos fenômenos observados nos grupos, estudou mais a fundo a modalidade e propôs dois pontos aos quais considerou fundamentais à dinâmica da psicoterapia em grupos:

1) O comportamento de um grupo se efetua em dois níveis: o da *tarefa comum* e o da *emoção comum*. O primeiro nível é racional e consciente. Todo grupo tem uma tarefa. [...] O segundo nível é caracterizado pela predominância dos processos específicos primários. [...] a cooperação consciente dos membros do grupo requer uma circulação emocional inconsciente entre os membros do grupo. 2) O segundo enunciado assevera que os indivíduos reunidos em um grupo [...] se combinam de forma instantânea e involuntária [...] para atuar segundo estados afetivos [...] (CORRÊA, 1994, p.42).

No início, pensava-se em basicamente suprir a grande demanda populacional por meio de atendimentos em grupos maiores. Entretanto, com o passar dos anos e das experiências foi-se descobrindo que os benefícios proporcionados pelos grupos, tanto terapêuticos quanto de promoção à saúde, eram maiores do que o imaginado (SOUZA et al., 2011). O ambiente de trocas, de fala e de escuta dava ao espaço do grupo outras configurações, cada uma com suas particularidades, e que, segundo Ribeiro et al. (2012), vai para além da visão médico curativa que olhava apenas para o problema e ansiava a cura.

2.1 O TRABALHO EM GRUPO NA FONOAUDIOLOGIA

Na fonoaudiologia os primeiros grupos terapêuticos, que se tem registro no Brasil, foram formados em São Paulo no início da década de 80, adotados especialmente na saúde pública, nas esferas municipal e estadual. Na época parecia não haver qualquer interesse em propostas de trabalho de grupo, tanto em relação

aos critérios de sua formação como em relação aos processos grupais de uma forma geral, mas sim o de atender o maior número de pessoas possível (CORRÊA, 1994). Para tanto, Corrêa (op. cit., p. 40) aponta que era adotada a seguinte configuração:

“1) Os critérios utilizados para a formação desses grupos leva em conta a faixa etária e/ou patologia. 2) A avaliação de linguagem é realizada individualmente. Uma vez concluída, inicia-se a terapia. 3) Nas sessões terapêuticas considera-se o paciente isoladamente, ou seja, o fonoaudiólogo ou trabalha com todos os membros do grupo a dificuldade de *um dos pacientes*, ou dirige sua atenção *alternadamente ora para um ora para outro*. 4) O objetivo da terapia fonoaudiológica é o *treinamento* e a correta *estimulação* da linguagem, realizada por meio de exercícios e brinquedos que o fonoaudiólogo propõe para o grupo. [...] Vê-se que grupo é agrupamento. A terapia permanece, contudo, individual. A terapia é *em grupo* e não *de grupo*.”

Ao longo dos anos, a fonoaudiologia foi adentrando mais no campo da modalidade de grupos terapêuticos, e percebendo que não existia apenas uma, mas várias abordagens possíveis, com diferentes bases teóricas e todas “emprestadas” de outras áreas da saúde, especialmente da psicologia. Entretanto, de acordo com Araújo e Freire (2011, p. 367) “há uma certa adoção irrefletida de conceitos de outras áreas, sem sustentação e sem a reestruturação exigida pela transposição do campo original pelo da clínica fonoaudiológica”. Além disso, uma revisão integrativa realizada recentemente, sobre grupos terapêuticos fonoaudiológicos na área da linguagem (SILVA et al., 2021), aponta que apenas 40% dos artigos encontrados contavam com referencial teórico.

No que tange à avaliação fonoaudiológica, Zerbeto e Batista (2016) realizaram uma pesquisa com avaliação em grupos de crianças de 1:9 a 3:0 anos, com e sem queixas de atraso/dificuldades/alterações de linguagem. As autoras perceberam que a interação no grupo forneceu contribuições para o entendimento de alguns aspectos relacionados ao processo de avaliação da linguagem que dificilmente seriam vistos numa relação terapêutica individual. A observação das crianças num contexto de interação com outros pares, como na disputa por objetos e momentos de cooperação, permitiu a avaliação da linguagem em seu pleno funcionamento. Os movimentos de intenção comunicativa e do uso das diferentes funções linguísticas em grupo, forneceram elementos únicos para avaliar aquelas crianças em seus diversos aspectos.

Em relação aos grupos terapêuticos existentes na modalidade presencial, existem revisões de literatura (ARAÚJO; FREIRE, 2011; RIBEIRO et al., 2012; SILVA et al., 2021) que nos relatam a funcionalidade e o objetivo dos grupos, nos dando um panorama sobre o que já existe em termos de atuação clínica.

Pesquisas com grupos terapêuticos fonoaudiológicos que incluíam crianças que têm Transtorno do Espectro Autista (TEA) “concluíram que o fato de o gesto ser acolhido/significado naquele determinado contexto linguístico-interativo, favoreceu a (re)construção da linguagem, da identidade e da subjetividade dessas crianças” (RIBEIRO, et al., 2012).

Na área de voz², por exemplo, observa-se uma grande gama de grupos terapêuticos, incluindo intervenções voltadas para as disfonias e o trabalho com pacientes laringectomizados totais. Esses grupos são voltados para reabilitação, para a promoção de saúde e para a prevenção, como, por exemplo, nos grupos de saúde vocal para crianças e cuidados com a voz para professores (RIBEIRO et al., 2012).

Existem diferentes registros de pesquisas feitas com grupos terapêuticos na área da linguagem, com pessoas com deficiência intelectual, em que o ponto central é a interação dialógica, o treinamento auditivo e a constituição da imagem que eles têm de si próprios (RIBEIRO et al., 2012). No estudo feito por Freitas e Castro (2006), evidenciou-se o importante espaço dialógico que o grupo terapêutico ofereceu à jovens com deficiência intelectual, que através da mediação da fonoaudióloga e de narrativas de histórias, conseguiram se colocar enquanto sujeitos e estabelecer um convívio social permeado pelo diálogo, ainda que com todos os seus problemas de linguagem.

Segundo Ribeiro et al. (2012), grupos específicos para trabalhadores com perda auditiva induzida por ruído (PAIR) e de desenvolvimento de narrativas com falantes da LIBRAS também são encontrados na literatura, e demonstram ótimos resultados. Pessoas com afasia e com disartria também demonstram importantes deslocamentos terapêuticos através das terapias em grupo. De acordo com as autoras citadas, "mesmo com discurso reduzido, os afásicos apresentaram

²É importante destacar que, de acordo com o Conselho Regional de Fonoaudiologia da 7ª região (CRFa 7), são reconhecidas 12 especialidades fonoaudiológicas, a saber: audiologia, disfagia, fluência, fonoaudiologia escolar/educacional, fonoaudiologia do trabalho, fonoaudiologia neurofuncional, gerontologia, linguagem, motricidade orofacial, neuropsicologia, saúde coletiva e voz.

comportamentos e tentativas de interação com o outro no grupo, estabelecendo processos de significação”, e os com disartria apresentaram “melhora [...] quanto à prosódia, respiração, fonação e articulação.”

Um estudo realizado com um grupo de jovens do ensino fundamental que foram encaminhados com queixas envolvendo leitura e escrita (MACHADO; BERBERIAN; SANTANA, 2009), concluiu que o espaço do grupo serviu para ressignificar a relação dos participantes com o seu problema, trabalhando também a natureza subjetiva das suas dificuldades com a linguagem escrita. As autoras concluem que:

“[...] a abordagem terapêutica grupal contribuiu para a ressignificação de histórias de sofrimento com a linguagem escrita, desestabilizando verdades estigmatizadas e reinterpretando condições de domínio dessa modalidade de linguagem, a partir das quais os sujeitos, fortemente marcados pelo estatuto da incapacidade, estão inseridos.” (MACHADO; BERBERIAN; SANTANA, 2009, p. 718)

Portanto, existem evidências na literatura que demonstram o forte potencial do trabalho com grupo terapêutico para a ressignificação dos problemas que os sujeitos têm no campo da linguagem.

Neste trabalho propomos uma abordagem de trabalho em grupo na fonoaudiologia a partir dos pressupostos teóricos da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste. Sobre a abordagem de trabalho clínico proposta fazemos uma breve incursão no próximo item.

2.2 O GRUPO COMO UM LUGAR DE ENUNCIAÇÃO E DE ESCUTA

Este capítulo tem o objetivo de propor algumas bases para a reflexão teórica dos atendimentos em grupo apresentados neste trabalho. As bases serão fundamentadas a partir dos estudos do linguista Émile Benveniste e da aproximação proposta por Silva (no prelo) no que diz respeito a uma noção de “escuta”, advinda de uma leitura singular da obra desse linguista.

Segundo Flores (2013), Benveniste não propôs uma teoria robusta, mas sim diversos conceitos estreitamente ligados, e que, integrados, formam uma linha de pensamento, constituindo a “Teoria da Enunciação”. Para Flores (2013), a enunciação pode ser brevemente definida como a “colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização”.

A tese central do pensamento benvenistiano é: o homem está na língua. Isso se refere à inerência da linguagem ao homem, ao passo que não se pode dissociar um do outro (FLORES, 2013). Em "Da subjetividade na linguagem", Benveniste (1976) nos deixa posto que o homem existe na e pela linguagem, uma vez que o homem só se entende como sujeito quando se marca na língua, e através das relações intersubjetivas é possível que se singularize.

"Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem."
(BENVENISTE, 1976)

Benveniste quando fala que encontramos "um homem falando com outro homem" está falando das relações intersubjetivas que se estabelecem na enunciação. Para entendermos do que se trata a intersubjetividade e, por conseguinte, a subjetividade na linguagem dentro da Teoria Enunciativa, é necessário que primeiro consigamos situar outros conceitos da teoria.

Em "*A natureza dos pronomes*" (1976), o linguista argumenta que os pronomes são ao mesmo tempo um problema da língua e da linguagem, uma vez que são característicos das chamadas instâncias do discurso, isto é, os atos singulares pelos quais a língua é atualizada em palavras pelo falante, ou locutor. Sendo característicos de atos singulares, os únicos pronomes que permitem a noção de pessoa seriam "eu" e "tu", contrariando a definição usual, dos estudos da gramática, de pronomes pessoais enquanto três termos: eu, tu e ele.

Nessa direção, Benveniste propõe duas correlações: a de pessoalidade e a de subjetividade. A correlação de pessoalidade diz respeito justamente ao exposto no parágrafo anterior, em que "eu" e "tu" correspondem à categoria de pessoa, enquanto "ele" seria a não-pessoa. No entanto, "eu" e "tu" também representam, de certa forma, uma oposição, pois enquanto me proponho como "eu", estou me opondo à "tu". Portanto, Benveniste fala que "eu" sempre será interior ao enunciado e exterior e transcendente à "tu", isto é, "eu" é a pessoa subjetiva, e "tu" a pessoa não-subjetiva, o que forma a correlação de subjetividade (FLORES, 2013).

No presente trabalho, nos interessa a relação "eu" - "tu", pois é dessa relação que surgirá o conceito de intersubjetividade e, conseqüentemente, o que vem a ser a subjetividade na linguagem.

Segundo o linguista, o enunciado que contém o pronome “eu” é pertencente ao nível pragmático da língua, que propõe, portanto, o sujeito como condição para seu emprego na instância do discurso. O pronome “eu” não é de ordem objetiva, uma vez que sozinho não possui definição; mas sim, é atualizado no discurso, quando um sujeito, com referência cada vez única, o enuncia e se coloca como “eu”, tornando-o de ordem subjetiva. A pessoa "tu", por sua vez, é parte indissociável do espaço enunciativo, isto é, não se pode enunciar a não ser que para alguém, que para o "tu".

Benveniste (1976) diz que:

"A 'subjetividade' de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como 'sujeito'. [...]. Ora, essa 'subjetividade', quer a apresentamos em fenomenologia ou em psicologia, como quisermos, não é mais que a emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem. É 'ego' quem diz ego. Encontramos aí o fundamento da 'subjetividade' que se determina pelo status linguístico de 'pessoa'."

Portanto, podemos entender que, para Benveniste, a subjetividade na linguagem é a capacidade do falante de se propor e se constituir como sujeito através da linguagem e pelo status linguístico de "pessoa".

É com base nesses, e em outros, princípios teóricos benvenistianos que Silva (no prelo) vai formular um ponto de vista teórico sobre a “escuta” na teoria da linguagem de Benveniste. Embora o objetivo da autora seja abordar o papel da escuta na aquisição da língua materna pela criança, nos interessa, no seu trabalho, as aproximações teóricas entre a noção de “escuta” formulada por Roland Barthes e a teoria enunciativa de Émile Benveniste.

Silva (no prelo) explica que, para Barthes, a escuta vai para muito além de um aspecto fisiológico ligado ao sistema auditivo, podendo ser categorizada em três tipos: 1) a escuta como algo ligado a ouvir ruídos que se transformam em indícios, isto é, existe uma seleção do que é ouvido; 2) a proposição de que "a escuta fala", referindo-se à escuta como parte de uma relação dual entre pessoas, em que o alocutário, ainda que no silêncio da escuta, é tão ativo quanto o locutor; e 3) a demonstração de prazer com o que se escuta e a liberdade de escuta, ou seja, escutamos o que nos interessa escutar e isso deveria ser normalizado, tanto quanto a liberdade de fala.

A autora lembra que Benveniste entende que a linguagem se vale de um aparelho vocal e um aparelho auditivo, em que o aparelho vocal emite a ideia e o

auditivo a percebe, portanto, "se há uma evocação de significados por quem emite (relacionada ao aparelho vocal), há algo de captação de significados por quem escuta (atrelada ao aparelho auditivo)." (SILVA, no prelo).

Ainda, a autora destaca que Benveniste concebe o diálogo como inerente ao exercício da linguagem, obtendo uma dupla função: representando para o locutor a realidade e para o ouvinte a recriação da mesma, fazendo da linguagem um instrumento da comunicação intersubjetiva. Isto é, para o linguista, o exercício da linguagem é um espaço de troca entre locutor e ouvinte, e essa troca situa a intersubjetividade.

Podemos, portanto, depreender que, a relação intersubjetiva proposta por Benveniste da qual tratamos neste trabalho, conforme Silva (no prelo), está imbricada à noção de escuta, uma vez que esta relação só é possível quando temos um eu que enuncia e um outro que escuta.

Sobre a leitura do texto *A Forma e o Sentido na Linguagem* (1989), a autora discute as noções de *semiótico* e *semântico* estudadas por Benveniste, a partir da afirmação do linguista de que: para uma língua ser "real", faz-se necessário um conjunto de sons emitidos e percebidos que formam um sentido. O campo semiótico, que representa o domínio dos signos, "implica distintividades e oposições para 'ser significativo', a identificação dessas oposições envolve o 'humano na língua' em sua dupla presença, de quem emite sons e de quem percebe sons." (SILVA, no prelo). Já o campo semântico, representa o domínio da língua em seu emprego, isto é, trata da compreensão de sentido destas formas linguísticas, e traz à tona a importância da escuta na língua, pois, para que exista a compreensão, coexiste quem compreende, colocando em destaque o lugar do ouvinte.

Conforme Silva (no prelo), a organização humana é pensada por Benveniste a partir do discurso e da relação entre o locutor e o ouvinte, tendo a língua uma função mediadora. Por meio da língua, o sujeito comunica, informa, suscita, implora, experiencia, tudo em um ato que implica um outro, que escuta e responde.

Para Benveniste, na enunciação, a relação entre locutor e ouvinte é inerente, pois "toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação, ela postula um alocutário" (BENVENISTE, 1989, p. 84, apud SILVA, no prelo). Ainda sobre o ato de utilização da língua:

"Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um

ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno."
(BENVENISTE, 1989, 83-84, apud SILVA, no prelo)

Em relação à "enunciação de retorno", Silva (no prelo) destaca a noção de inversibilidade da enunciação, em que "eu" e "tu" trocam suas posições conforme o espaço enunciativo demanda, formando uma relação intersubjetiva. Segundo Silva (no prelo), há uma situação de (co)referência, em que o locutor refere e dá ao alocutário um espaço de escuta com possibilidade de correferir. Portanto, surge a noção de escuta como "enunciação implícita"³.

3 METODOLOGIA

3.1 DELINEAMENTO

Trata-se de um estudo qualitativo descritivo, com o acompanhamento longitudinal do trabalho de um grupo terapêutico em Fonoaudiologia. O grupo foi criado no Estágio Supervisionado de Avaliação Fonoaudiológica, do curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente o grupo está vinculado ao Núcleo de estudo, pesquisa e extensão Clínica Fonoaudiológica de Linguagem e Enunciação (UFRGS).

3.2 DO CORPUS

O corpus do presente trabalho é constituído por um material de estudo clínico, extraído dos encontros do grupo terapêutico acompanhado no período de abril/2021 a novembro/2021. O grupo é composto por três crianças, com idades entre 7 e 10 anos, que, antes da pandemia, eram atendidas presencialmente na Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS; e por duas terapeutas estagiárias que atendem o grupo. O material de estudo clínico é composto pela caracterização geral do grupo, com destaque para um dos participantes, que será designado como *participante acompanhado*, e por relatos dos encontros do grupo.

³ Essa noção ou interpretação, conforme Silva (op.cit.), é respaldada por Benveniste (1989) quando ele fala "Toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação, ela postula um alocutário".

3.3 DOS DADOS

Integram os dados os relatos escritos, após cada encontro do grupo, pelas terapeutas responsáveis, acrescidos por contextualização da cena e comentários feitos pela autora do trabalho. O material conta com observações, comentários e descrições das situações vivenciadas em grupo, assim como explora os aspectos singulares do *paciente acompanhado* neste trabalho.

3.4 DA APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Os dados serão apresentados em forma de relato, separados por número do encontro e data. A ordem que os relatos seguirão será: a contextualização dos encontros, breve descrição da atividade desenvolvida no grupo, e percepções obtidas do *participante acompanhado* naquele encontro. Antes dos relatos será realizada, em itens específicos, a apresentação geral do grupo e do *participante acompanhado*.

3.5 DA ANÁLISE

Após a apresentação dos dados será realizada a análise dos mesmos. A análise terá como elemento norteador as *diretrizes de análise* do trabalho. As análises considerarão a dinâmica de interação do grupo, mas com destaque para o *participante acompanhado*.

3.5.1 Das diretrizes de análise

As diretrizes de análise são constituídas a partir do referencial teórico mobilizado no trabalho. Assim, integram as diretrizes de análise a noção de intersubjetividade enunciativa, onde há uma situação de (co)referência, em que o locutor refere e dá ao alocutário um espaço de escuta para que possa correferir.

3.6 DAS CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

O trabalho faz parte da pesquisa “A análise enunciativa na clínica dos distúrbios de linguagem”, registrada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS, sob o nº 20569 (Anexo A). Para a coleta dos dados dos encontros do grupo, os responsáveis dos participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B) da pesquisa a qual o presente trabalho está vinculado.

4 APRESENTAÇÃO DO MATERIAL DE ESTUDO CLÍNICO

4.1 O GRUPO

Em março de 2020, a população brasileira foi pega desprevenida, para suportar um acontecimento que tomara proporções inimagináveis: a pandemia do COVID-19. Uma série de mudanças ocorreram abruptamente, com várias medidas sanitárias, e dentre elas o isolamento social.

Com a medida de isolamento social, profissionais de inúmeras áreas começaram a atuar através do chamado "home office", fazendo todas as atividades possíveis e necessárias em sua casa. Na área da saúde, por sua vez, foi desafiador, pois grande parte das terapias e acompanhamentos eram feitos face a face com o paciente/cliente, e isso obrigatoriamente teve de ser revisto.

Os serviços considerados como não essenciais, ou de consultas/procedimentos eletivos, foram suspensos. Sendo assim, houve a necessidade de reinventar as modalidades de trabalho existentes, para que se adequassem ao período de distanciamento, ao modo virtual.

Profissionais da área da saúde começaram a inovar e a levar a atuação clínica para dentro de suas casas e dos pacientes. Por meio de chamadas de vídeo e áudio configurava-se o conceito de atendimento na modalidade remota, que até então era pouco explorado na área da saúde.

De igual modo, as universidades também interromperam suas atividades presenciais, incluindo clínicas e instituições pertencentes a elas, o que acabou parando com o andamento de algumas atividades, como por exemplo os estágios curriculares que eram desenvolvidos nesses espaços.

No início da pandemia eu estava na 5ª etapa do curso de fonoaudiologia, iniciando o estágio supervisionado de avaliação fonoaudiológica na *Clínica de Atendimento Psicológico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)*. A clínica, por sua vez, acabou suspendendo as atividades presenciais, sem saber que essa suspensão duraria bem mais do que o previsto. Começamos nossas discussões no grupo de estágio por meio de reuniões online, revendo uma série de aspectos teóricos, juntamente com elementos que embasam a atuação clínica e estudo de casos clínicos.

Entretanto, num dado momento percebeu-se que não haveria mais como prorrogar a suspensão dos atendimentos, tanto pelo aspecto prático do estágio, quanto pela situação na qual os pacientes se encontravam: há mais de um ano sem terapia fonoaudiológica. A partir de então, surgiu a ideia, proposta pelos supervisores, de pensarmos em grupos terapêuticos na modalidade remota, na qual poderíamos vivenciar a prática clínica de uma maneira diferente e, em certa medida, mais desafiadora.

Passamos algumas semanas estudando as diferentes propostas de terapias em grupo que já existiam na fonoaudiologia, bem como estabelecendo qual seria a configuração que se daria no estágio e quais seriam os critérios para a formação dos grupos. Entramos em contato com os pacientes que já havíamos ficado sob responsabilidade no início do estágio, e perguntamos sobre o estado atual da dinâmica familiar, o andamento escolar, o bem-estar do paciente/família (que julgávamos estar possivelmente abalado pela pandemia) e quais as demandas/queixas fonoaudiológicas que existiam.

Assim, foram formados dois grupos. Grupos heterogêneos, em que os participantes não tinham idade e nem problemas iguais, mas sim que, naquele momento, precisavam de um acolhimento. O trabalho foi pensado para duplas terapêuticas, portanto, ficou sob minha responsabilidade, e de outra colega de estágio, coordenar um grupo com três crianças, com idades entre 7 e 10 anos e que possuíam demandas fonoaudiológicas distintas, bem como personalidades e características pessoais diferentes.

Desde a formação dos grupos sabíamos que seria uma experiência desafiadora. Entretanto, no decorrer dos encontros remotos do grupo, algo muito maior do que pensávamos começou a ser construído: uma relação intersubjetiva que ia para além da terapia fonoaudiológica e das relações duais entre

terapeuta-paciente, onde as questões relacionadas à linguagem e à singularidade daquelas crianças passaram a ser uma prioridade pelas circunstâncias do isolamento social.

No decorrer dos encontros do grupo foram surgindo vários pontos que colocavam à prova qualquer conceito de clínica fonoaudiológica que tivéssemos formado durante a graduação, o que suscitou diversas questões ao longo do processo. Precisávamos entender o que havia de diferente naquela modalidade de trabalho que nos intrigava.

Questões relacionadas à diferença entre o atendimento remoto e o presencial sempre estiveram presentes, bem como as distintas formas de intervenção que o grupo demandava. Diferente de uma terapia individual, nos questionamos se poderiam haver objetivos específicos para o grupo, e não objetivos terapêuticos diretamente voltados para o problema de linguagem de um ou de outro sujeito/paciente.

Outro ponto que nos intrigava era o fato de o encontro ser realizado por uma dupla de terapeutas, que juntas planejavam o percurso que seria seguido pelo grupo. Essa configuração suscitou questões sobre as possíveis contribuições, para a dinâmica do grupo terapêutico, que esta parceria entre duas terapeutas poderia dar.

Uma forte questão que surgiu durante os encontros foi sobre a importância que o grupo tomava em meio às circunstâncias de isolamento social, uma vez que aquelas crianças estavam sem aulas presenciais, sem contato com outros pares que não fossem do seu convívio familiar e, por vezes, sem ter muitos espaços de interação e diálogo em casa. Percebemos então, que aquele espaço de grupo era fundamental para que aquelas crianças pudessem, na interlocução, ocupar os seus lugares de falantes de uma língua, de uma cultura. A relação ali estabelecida oferecia um espaço de fala e de escuta, algo tão importante para essas crianças no cenário atual.

A partir de todos os questionamentos que foram levantados no período inicial do trabalho com o grupo, se tornou essencial refletir sobre quais seriam os objetivos do grupo e por que este se diferenciava do atendimento individual. Pensamos sobre os aspectos presentes naquela relação de grupo e de que forma poderiam estar relacionados aos processos intersubjetivos que constituíam os encontros.

Assim o grupo foi criado, contando com 3 participantes (pacientes), além das duas terapeutas estagiárias do 5º semestre do curso de Fonoaudiologia.

Dentre os participantes está G., 8 anos de idade, sexo feminino, cursando o 3º ano do Ensino Fundamental. G. é uma menina extremamente extrovertida e criativa, sempre com algo para contar ou mostrar, sejam desenhos, plantas e comidas feitas por ela. A demanda trazida pela família era de dificuldades com leitura e escrita. Nos encontros, percebemos que de fato havia uma dificuldade por parte de G. na conversão fonema-grafema, como o espelhamento de letras na leitura e na escrita, assim como um leve ceceo anterior⁴, que não era algo demandado pela família ou por G.

J., por sua vez, também é uma menina criativa e espontânea, tem 9 anos de idade, sexo feminino e cursa o 4º ano do Ensino Fundamental. Seu potencial para inventar e escrever narrativas é sempre destaque no grupo, assim como suas inúmeras atividades extracurriculares (teatro, sapateado, canto, flauta, violino, etc.). A demanda trazida pela família de J. é "dificuldades de fala" e que a menina "fala algumas palavras errado". Durante os encontros do grupo, percebemos que as questões de J. são principalmente fonéticas⁵, visto que a mesma utiliza um aparelho ortodôntico que dificulta a produção de diversos fonemas, tornando sua pronúncia distorcida.

O terceiro participante, por conta de sua trajetória no grupo, tomará um lugar de destaque neste trabalho. Como dito, ele será designado como *participante acompanhado* e sua história será apresentada no item a seguir.

4.2 PARTICIPANTE ACOMPANHADO

O *participante acompanhado* se trata de A.D., 7 anos de idade, sexo masculino, cursando o 3º ano do Ensino Fundamental. Um menino por vezes introvertido, mas que empolga-se facilmente diante de atividades que envolvem a criatividade e o raciocínio lógico. A demanda fonoaudiológica trazida pela família e por A.D., assim como o diagnóstico fonoaudiológico pregresso, era a não produção do fonema /r/, pois em palavras como "caracol", por exemplo, o menino produzia

⁴ Conforme Machado et al. (2021), o ceceo anterior é definido como um transtorno articulatório ocasionado por má posição da língua, afetando a produção das fricativas linguoalveolares /s/ e /z/ ou interdentalização na produção das plosivas /t/ e /d/ e nasal /n/.

⁵ Os desvios fonéticos são caracterizados por uma inadequação das estruturas do aparato fonador, ocasionando dificuldades na produção de determinados fonemas. Esta paciente, por exemplo, possui dificuldades (por conta do aparelho ortodôntico) na produção dos fonemas fricativos alveolares, trocando-os por fonemas fricativos alvéolo-palatais; exemplo: "sapo" por "xapo", "azul" por "ajul".

“caacol”. A.D. permaneceu cerca de um ano sem acompanhamento fonoaudiológico, e, quando realizado o contato de acolhimento durante o período de isolamento social, a demanda trazida pela família permanecia a mesma.

Durante os primeiros encontros do grupo, que foram também os primeiros contatos diretos que as terapeutas tiveram com A.D., percebeu-se que o mesmo havia superado parcialmente suas dificuldades de produção do fonema /r/, permanecendo com alguns processos de epêntese (ou inserção), como, por exemplo, quando tentava pronunciar a palavra português e acabava realizando “portugrês”.

Quando perguntado sobre o porquê de estar participando do grupo, A.D. trazia a mesma demanda que a mãe, a “dificuldade com o 'r'”. Entretanto, para além da demanda da família e do diagnóstico puramente fonológico, quando o participante começou a frequentar os encontros, as terapeutas perceberam questões relacionadas ao modo como A.D. se colocava frente ao grupo. Questões que tinham como hipótese inicial uma certa timidez por parte do menino.

A dinâmica familiar era baseada em uma “diminuição” de A.D. em relação ao seu irmão mais velho, não sendo reconhecido em sua singularidade. A própria mãe o colocava em um lugar de alguém que tem um problema, e que precisa ser tratado, diferente do irmão, que seria o espelho ideal para A.D. se “moldar”. O nome do irmão sempre surgia quando A.D. ia contar sobre algo interessante que havia feito durante a semana, ou até quando desenhava os desenhos do irmão eram mais coloridos ou melhores, em sua opinião.

A mãe, por sua vez, durante os encontros do grupo explicitava esse comportamento familiar, tomando as falas de A.D., controlando o que elealaria, dando as respostas que ele deveria dizer e diversas outras situações, bem como chamava ou citava o irmão. Era comum e esperado que os responsáveis estivessem presentes ou por perto durante os encontros, porque o atendimento era remoto; entretanto, isso não significava que eles deveriam participar intervindo pelos filhos.

Ao longo dos encontros, fomos percebendo que muito além de questões fonológicas, havia ali um sujeito não plenamente reconhecido em seu lugar de falante, com pouco espaço de fala e de escuta. Existia, de um lado, a vontade explícita de A.D. em adquirir autonomia em relação às suas próprias ações e falas, e de outro, um sujeito que ainda não conseguia exercer o seu lugar de falante na plenitude.

4.3 ENCONTROS DO GRUPO

4.3.1 Relatos dos encontros

Quadro 1 - 23/04/2021 1º encontro do grupo

Contexto: O primeiro encontro do grupo foi dedicado para as apresentações. As terapeutas propuseram uma dinâmica que consistia no sorteio de categorias, em que cada um, na sua vez, falaria sua coisa/objeto favorito daquela categoria, e os demais faziam o mesmo.

"A. D. se apoiava bastante na mãe para que pudesse responder, parecendo um pouco tímido e desanimado. Demonstrou maior empolgação quando falou sobre os desenhos/pinturas que faz para as aulas de artes no colégio."

Quadro 2 - 14/05/2021 4º encontro do grupo

Contexto: A dinâmica da semana foi a confecção prévia dos dados interativos para que construíssemos narrativas. Cada dado representa um elemento da história, como personagem, local, ação, etc.

"O primeiro a se voluntariar para contar a história foi A.D., que tirou nos dados os personagens princesa e índio, o local era o circo e eles deviam procurar um tesouro. A.D. contou a história um pouco desanimado, sem muitos elementos além dos que foram dados. (...) fizemos uma dinâmica para que todos contassem uma história juntos (...) Nesse momento do encontro, pudemos perceber uma grande sintonia do grupo, pois todos construíram a história respeitando os tempos de fala do outro e contribuindo com ideias (...) acrescentando às ideias dos outros participantes e construindo a história juntos."

A.D. deu a ideia do cachorro (personagem) ser um super herói, enquanto as outras participantes deram os superpoderes do protagonista.

"A evolução do A.D. em especial, nesse dia, foi notável. Aos poucos ele foi se soltando cada vez mais, e ao final dava ideias empolgadas para a história do grupo."

Quadro 3 - 04/06/2021 7º encontro do grupo

Contexto: A atividade do dia era um conjunto de cartas com uma lista de palavras e um comando, por exemplo, “quando ouvir o nome de uma fruta, bater palmas” em seguida uma lista de palavras com nomes de frutas e outros substantivos (números), uma espécie de “morto-vivo”.

"O primeiro que se voluntariou foi A.D., percebemos que a mãe influenciou muito na atividade, pois ela falava as palavras e nomes para A.D. repetir."

Percebemos que A.D. não tinha a liberdade de escolher as palavras por si próprio, mas também não fazia movimentos para tanto, apenas aceitava as palavras que a mãe lhe dizia.

Quadro 4 - 11/06/2021 8º encontro do grupo

Contexto: Neste encontro, ocorreu a confecção da massinha de modelar caseira, com a receita que A.D. havia sugerido que fizéssemos e nos passou a receita na semana anterior. Todos os participantes separaram os ingredientes e confeccionaram suas massinhas.

"(...) pudemos observar uma certa insegurança por parte do A.D., em que o irmão é posto como superior a ele, e a mãe, por sua vez, incentiva e contribui para essa insegurança. Por diversas vezes durante a sessão de hoje ela o interrompeu e dizia o que ele deveria falar, responder, etc., não permitindo que ele tivesse autonomia para explicar sozinho a receita ou desse tempo de responder no ritmo dele. Além disso, algumas atitudes como chamá-lo de “teimoso”, “burro”, e outros adjetivos pejorativos, também ocorreram (...) A.D. foi nos guiando, mesmo com as interrupções da mãe, e, ao fim, todos conseguiram fazer a massinha. (...) A.D. perguntou se não poderíamos fazer uma festa junina em algum dos encontros." Se faz necessário acrescentar que, por vezes, neste encontro, o irmão de A.D. era chamado para "ajudá-lo" na receita da massinha, uma vez que a dele era a que tinha ficado "melhor".

Quadro 5 - 27/08/2021 16º encontro do grupo

Contexto: No último encontro, após uma fala do A.D. de que havia lido a história da Chapeuzinho Roxa na escola, combinamos de trazer diferentes histórias de

Chapeuzinhos, que fossem diferentes da tradicional. Todos fizeram a leitura/contação da história que pesquisou.

"A.D. contou a história da Chapeuzinho Roxo, cantando, inclusive, a música temática da fábula. O primo do A.D. apareceu e o interrompeu na história algumas vezes, o que fez com que A.D. demonstrasse irritação, e até mesmo, parasse a história. Vimos um movimento positivo nisso, inclusive, nas falas do A.D. com a mãe, em que ele demonstra a sua impaciência e impõe-se como sujeito."

Quadro 6 - 10/09/2021 17º encontro do grupo

Contexto: Enviamos para eles o link de um projeto que disponibiliza diversos livros online e pedimos que cada um escolhesse um livro para recontar a história no encontro.

"A história escolhida por G. foi 'A menina das estrelas' (...) se tratava de uma menina encantada pelas estrelas e que vira astronauta no futuro. A escolha dessa história foi interessante, pois a temática do livro lembra o nome do grupo (astromilhos pensadores, em alusão a astronauta). (...) Aproveitamos a temática de escolhas do que ser no futuro para perguntar a eles o que gostariam de ser. A.D. inicialmente respondeu que não sabia o que queria ser; depois de pensar e ouvir as outras participantes disse que quer ser professor de judô."

Importante destacar que judô é um esporte que A.D. começou a praticar enquanto estava participando do grupo, e que sempre comentava e trazia como algo prazeroso para ele, como um hobby que ele adora.

Quadro 7 - 12/11/2021 26º encontro do grupo

Contexto: Estávamos todos contando como passamos a semana e as coisas interessantes que haviam acontecido. A atividade proposta para o encontro envolvia senso numérico.

"A.D. comentou sobre suas aulas de judô e ensinou ao grupo como contar até 10 em Japonês, de acordo com o que aprendeu"

Mais tarde, ele ainda enviou uma foto com os números escritos por extenso, para que os demais participantes conseguissem pronunciar.

5 ANÁLISES

Nos primeiros encontros, todos os participantes estavam se conhecendo e deixando-se conhecer. As primeiras impressões em relação a A.D. no grupo, como podemos observar no relato exposto no Quadro 1, foram de um menino retraído, tímido, sempre recorrendo à mãe para dar as respostas e sem muita empolgação para participar.

Entretanto, existiu uma certa empolgação quando teve a oportunidade de contar sobre os seus trabalhos na escola, desenhos, etc. Esse foi um dia voltado às apresentações de cada participante. Podemos inferir que quando lhe era dado um espaço de escuta, A.D. parecia querer correferir, porém era interrompido muitas vezes pela mãe, na qual ele, em contrapartida, buscava o amparo para suas respostas.

No Quadro 2, que relata o 4º encontro, podemos ver o movimento que A.D. faz durante o próprio momento do grupo. No início, ele estava pouco animado para construir uma narrativa com elementos próprios, utilizando apenas as palavras que caíram nos dados interativos. No entanto, quando propomos uma dinâmica de grupo para que todos construíssemos uma história juntos, A.D. toma um lugar completamente diferente, de entusiasmo e comprometimento com a atividade, trazendo ideias e brincadeiras para inserirmos na narrativa. Essa cena mostra o movimento que o grupo estava construindo para que A.D. tomasse seu lugar de fala, através da escuta e da (co)referência com os outros participantes.

Novamente o comportamento de recorrer à mãe para responder é evidenciado no Quadro 3. Entretanto, observamos o movimento de A.D. para ser o primeiro a se voluntariar para conduzir a dinâmica. Isso demonstra que havia uma vontade de falar, e que ele sabia que o grupo oportunizava um espaço de escuta para que ele o fizesse. Porém, a interferência da mãe em conjunto com a insegurança de A.D. fazia com que ele apenas aceitasse as palavras dadas pela mãe e não tomasse o controle para conduzir a dinâmica.

No 8º encontro, relatado no Quadro 4, podemos observar uma série de questões importantes. A primeira delas é a vontade de A.D. em ter o seu próprio espaço de fala e de escuta, uma vez que ele traz uma ideia de atividade (massinha de modelar) para que todos fizessemos juntos. A segunda observação é sobre o comportamento da mãe, que apressa o menino, acabando por responder por ele

qualquer questão que surgia dos participantes do grupo em relação à receita da massinha de modelar, assim como também o deixou inseguro, utilizando adjetivos pejorativos ao se referir a ele. Em uma terceira observação, podemos ver a dinâmica da relação com o irmão, que é posto num lugar de "mais saber". Tanto no Quadro 3, quanto no Quadro 4, podemos observar que A.D. não era plenamente reconhecido em seu lugar de falante dentro da dinâmica familiar.

No Quadro 5, percebemos diferenças na posição tomada por A.D. diante do seu próprio exercício da linguagem, em que ele assume o seu lugar de falante, de forma mais contundente. Neste encontro ele estava na casa da avó, e por vezes era atrapalhado pelo primo, ato este que lhe causava irritação, pois aquele era o momento dele, o momento do grupo, talvez o único durante a semana em que ele sentisse autonomia e acolhimento. Com a mãe, essas insatisfações por parte de A.D., também foram ocorrendo com mais frequência, uma vez que ele não tolerava mais interferências enquanto estava falando, algo que antes era comum.

O Quadro 6 mostra um movimento interessante de A.D. em relação à sua singularidade. Neste 17º encontro, ao falarmos sobre o livro escolhido por G., propusemos a reflexão sobre "o que ser quando crescer?", que geralmente é algo muito pensado pelas crianças. O fato de A.D. acabar respondendo após as outras participantes demonstra que, ao ouvi-las, ele acabou tendo mais ideias sobre o que gostaria, isto é, demonstra a importância da escuta e a forma que ela suscita a correferência no ouvinte. Quando A.D. traz que gostaria de ser professor de judô, que é um esporte que ele começou durante o período de pandemia e de encontros do grupo, é um movimento interessante também, pois transmitir algo tão singular para um grupo de pessoas requer um sentimento de pertencimento e, especialmente, de escuta.

No 26º encontro do grupo, relatado no Quadro 7, percebemos que A.D. assume com plenitude um lugar de fala, levando para o grupo coisas novas e conhecimentos próprios, que ele mesmo quis compartilhar, sem a intervenção de terceiros. Isso mostra um avanço de A.D. enquanto sujeito na linguagem.

A partir dos relatos, percebemos que nos primeiros encontros do grupo alguns aspectos da dinâmica familiar, como os atravessamentos da mãe, eram decisivos na falta de tomada de posição por parte de AD. Como estávamos em isolamento social aquele lugar, o da família, era o único que ele vivenciava. Entretanto, ao entrar para o grupo ele percebeu que havia outro espaço, onde era escutado, em que tudo que

trazia, falava e fazia tinha algum sentido positivo e era sempre considerado. Tal acolhimento e escuta o colocaram em um lugar diferente.

São notáveis os deslocamentos que A.D. fez ao longo dos encontros, indo de um locutor que ocupava um espaço quase sempre de ouvinte, para o de um sujeito que assume plenamente a posição de pessoa subjetiva. Através do grupo, A.D. se inseriu na relação intersubjetiva estabelecida, colocando-se ainda mais como sujeito falante na enunciação.

6 GRUPO TERAPÊUTICO EM FONOAUDIOLOGIA: LUGAR DE ENUNCIÇÃO E DE ESCUTA

No início, quando pensamos na proposta de trabalho clínico com grupo, nos perguntávamos se os grupos terapêuticos poderiam auxiliar tanto nas questões fonoaudiológicas, quanto na interação e na enunciação de seus participantes. Com o desenvolvimento do trabalho percebemos o quanto as relações intersubjetivas, que aconteciam entre os participantes, proporcionavam algo que era para além de qualquer intervenção direcionada para algum aspecto específico da linguagem. Isso foi observado em todos os participantes do grupo, sendo o caso de A.D. o escolhido para mostrar, pelo menos em parte, esse algo que aconteceu ao longo dos encontros do grupo.

A partir das análises feitas no capítulo anterior, torna-se evidente os movimentos que o *participante acompanhado*, A.D., faz ao longo dos encontros do grupo. De um locutor que não era plenamente reconhecido em seu lugar de falante, ele se desloca para uma posição plena de sujeito e de ouvinte, através das relações de intersubjetividade que se estabelecem no grupo.

Tal deslocamento só foi possível por conta dos efeitos do grupo em seus participantes. A literatura (cf. seção 2.1) já nos traz diversas evidências de que o ambiente dos grupos terapêuticos é extremamente enriquecedor, entretanto, conseguimos ver isso sob a luz de um referencial teórico que ainda não havia sido explorado nessa modalidade.

O grupo se tornou um espaço de diálogo, em que todos os participantes tinham um lugar de fala e de escuta. Todos se sentiam livres para colocar suas ideias, trazer angústias e alegrias e inventar novas brincadeiras, como A.D. fez. As

terapeutas, como participantes do grupo, estabeleceram uma relação horizontal⁶, deixando o espaço de interlocução livre para que todos pudessem preenchê-lo.

Pode-se perceber que o grupo não tinha, como principal objetivo, o tratamento dos problemas de linguagem individuais de cada participante. Muito mais do que se voltar para os problemas de linguagem demandados, os participantes do grupo deveriam perceber-se enquanto sujeitos na linguagem.

Para Benveniste, como já dissemos anteriormente, a subjetividade na linguagem é caracterizada pela capacidade do locutor de se apropriar da língua e se propor como sujeito, e ele se propõe como tal através do status linguístico de pessoa, isto é, como “eu”. No grupo, esse movimento acontece quando um participante enuncia, colocando-se como “eu”, e pressupondo os demais como “tu”, formando uma relação intersubjetiva, através da (co)referência.

Logo, se o grupo terapêutico constitui um espaço enunciativo, com relações intersubjetivas, podemos inferir que ele é, portanto, um espaço igualmente de escuta. No viés de Silva (no prelo), que propõe a escuta como uma “enunciação implícita”, o lugar que cada locutor ocupa enquanto enuncia, pressupõe um outro, alguém que ouve e correferre. É exatamente esse movimento que vimos acontecer no grupo. Desde o momento em que começamos a conversar sobre como foi a semana, passando pelas atividades propostas, até a hora de nos despedirmos, há inúmeros diálogos e trocas.

Como terapeuta foi uma experiência única poder vivenciar um espaço de tamanha transformação, tanto para as crianças quanto para nós, as estagiárias. As oportunidades de troca fizeram com que aprendêssemos juntos: eles, em relação à sua própria linguagem, e nós, terapeutas, em relação à nossa própria formação clínica.

A experiência do trabalho com grupo terapêutico, considerando a teoria enunciativa e uma noção de escuta, fez com que a nossa prática clínica fosse ressignificada. Sabemos agora, a partir do que foi experienciado com o grupo, que é possível estabelecer uma relação horizontal, descendo do pedestal do supremo saber que os profissionais da área da saúde⁷ geralmente se colocam e são

⁶ Por relação horizontal nos referimos ao ato de dar espaço para que o paciente também atue no seu próprio processo terapêutico. Isto é, o profissional abre mão de um suposto “controle” que, equivocadamente, possa ter.

⁷ Em geral é uma visão que recai na área médica, entretanto, vemos cada vez mais as áreas da Fonoaudiologia se colocarem nessa posição de verticalização do conhecimento, distanciando o profissional do público leigo/paciente.

colocados. Oportunizar um espaço de escuta para os pacientes, como o grupo terapêutico proporciona, é imprescindível para que tanto o terapeuta quanto o próprio paciente entendam o que de fato é a demanda ali presente.

Antes de qualquer diagnóstico fonoaudiológico, é preciso que esse falante saiba apropriar-se da língua e assumir-se enquanto sujeito na linguagem. Cabe ao fonoaudiólogo, em sua prática clínica, seja ela em grupo ou individual, oferecer um espaço de enunciação e de escuta aos pacientes que atende.

Em relação a A.D., o nosso *participante acompanhado*, o espaço de escuta e de fala foi extremamente importante para que ele conseguisse perceber e mostrar a sua singularidade. Foi pela relação intersubjetiva que se estabeleceu no grupo que A.D. passou a se reconhecer, e a ser reconhecido, como falante singular.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que, através do presente trabalho, a nossa hipótese inicial de que o grupo terapêutico contribuiria para a constituição da subjetividade dos participantes foi confirmada. Concluímos que as relações de intersubjetividade, estabelecidas no grupo, dando um lugar de fala e de escuta para os participantes, contribuíram para que se colocassem plenamente enquanto sujeitos na linguagem.

O potencial do grupo terapêutico como dispositivo clínico na prática fonoaudiológica foi mais uma vez evidenciado, assim como já tínhamos encontrado na literatura. Com grupos heterogêneos e não voltados para os problemas específicos de linguagem individuais dos participantes, o espaço contribuiu em diversos aspectos que, talvez, um atendimento individual não abarcasse.

Os relatos aqui analisados não materializam, na totalidade, o que observei e vivenciei. O espaço do grupo terapêutico, quando vivenciado, deixa marcas em todos os participantes. Marcas de pertencimento. Cada grupo constrói um nome, uma identidade, uma face própria. Os participantes, entre si, encontram acolhimento, alegria e, principalmente, escuta.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, M. L. B.; FREIRE, R. M. A. C. Atendimento Fonoaudiológico em Grupo. **Revista CEFAC**. v. 13, n. 2, p. 362-368. Abril, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-18462011000200019>> Acesso em: set. 2021
- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral II**. São Paulo: Editora Pontes, 1989.
- BOECKEL, C. O. **A entrevista como um dispositivo clínico na fonoaudiologia: um lugar de intersubjetividade**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Fonoaudiologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- CORRÊA, M. B. Considerações sobre terapia de grupo na clínica fonoaudiológica. In: SANTANA, C. **Fonoaudiologia: no sentido da linguagem**. São Paulo, 1997, p. 39-48. Disponível em: <<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=cat07377a&AN=sabi.000752509&site=eds-live>>. Acesso em: 19 out. 2021.
- FLORES, V. N. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. 1. ed. São Paulo: Editora Parábola, 2013.
- FLORES, V. N.; TEIXEIRA, M. **Introdução à linguística da enunciação**. 2. ed., 1a reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2012.
- FREITAS, A.; CASTRO, G. A constituição de processos dialógicos em um grupo de jovens com deficiência mental. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 12, 2006.
- FRIEDMAN, S. et al. O vínculo no trabalho terapêutico fonoaudiológico com grupos. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 59–70, 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/8066/5941>>. Acesso em: 19 out. 2021.
- MACHADO, K. C. et al. Ultrassonografia dos movimentos de língua na avaliação e terapia do ceceo anterior: um estudo de caso. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 33, n. 4, p. 729-740, 2021.
- MACHADO, M. L. C. de A.; BERBERIAN, A. P.; SANTANA, A. P. Linguagem escrita e subjetividade: implicações do trabalho grupal. **Revista CEFAC**, v. 11, p. 713–719, 2009.
- PANHOCA, I.; LEITE, A. P. D. A Constituição de sujeitos no grupo terapêutico fonoaudiológico-identidade e subjetividade no universo da clínica fonoaudiológica. **Distúrbios da Comunicação**, v. 15, n. 2, p. 289–308, 2003.

RIBEIRO, V. V.; PANHOCA, I.; LEITE, A. P. D; et al. Grupo terapêutico em fonoaudiologia: revisão de literatura. **Revista CEFAC**, v. 14, p. 544–552, 2012.

SILVA, C. L. C. A escuta em uma abordagem enunciativa da aquisição da língua materna. **4º Colóquio Leituras de Émile Benveniste**. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Outubro de 2021. (no prelo).

SILVA, C. P. et al. Grupo terapêutico fonoaudiológico de linguagem: revisão de literatura integrativa. **Distúrbios da Comunicação**, v. 33, n. 1, p. 114–123, 2021.

VAGHETTI, H. H. et al. Grupos sociais e o cuidado na trajetória humana. **Revista Enfermagem (UERJ)**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 267-275, 2007. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a18.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2021.

ZERBETO, A. B.; BATISTA, C. G. Abordagem grupal para avaliação de alterações de linguagem em crianças pequenas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, p. 203–212, 2016.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. [s.l.: s.n.], 2011. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788536311654>>. Acesso em: 18 out. 2021.

ANEXOS

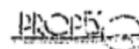
ANEXO A - Carta de Aprovação do Comitê de Ética



UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA

Comitê De Ética Em Pesquisa Do Instituto De Psicologia

**CARTA DE APROVAÇÃO**

Comitê De Ética Em Pesquisa Do Instituto De Psicologia analisou o projeto:

Número: 20569

Título: A análise enunciativa na clínica dos distúrbios de linguagem.

Pesquisadores:

Equipe UFRGS:

JEFFERSON LOPES CARDOSO - coordenador desde 01/03/2011
CARMEM LUCI DA COSTA SILVA - pesquisador desde 01/03/2011
VALDIR DO NASCIMENTO FLORES - pesquisador desde 01/03/2011
LUIZA MILANO SURREAUX - pesquisador desde 01/03/2011

Equipe Externa:

Fabiana de Oliveira - pesquisador desde 01/03/2011

Comitê De Ética Em Pesquisa Do Instituto De Psicologia aprovou o mesmo, por estar adequado ética e metodologicamente e de acordo com a Resolução 196/96 e complementares do Conselho Nacional de Saúde.

Eventos adversos e eventuais ementas ou modificações no protocolo de pesquisa devem ser comunicadas a este Comitê. Devem também ser apresentados anualmente relatórios ao Comitê, inicialmente em 05/12/2012, bem como ao término do estudo.

Porto Alegre, Segunda-Feira, 5 de Dezembro de 2011

JUSSARA MARIA ROSA MENDES
Coordenador da comissão de ética

ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Considerando os princípios éticos que orientam as pesquisas que envolvem seres humanos, este documento visa esclarecer o envolvimento dos participantes na decisão sobre a colaboração na pesquisa: *A análise enunciativa na clínica dos distúrbios de linguagem.*

O objetivo geral da pesquisa é investigar as especificidades teórico-clínicas decorrentes da operacionalização dos princípios de análise enunciativa em diferentes casos de distúrbio de linguagem. Essa investigação se justifica por contribuir para uma análise linguística e compreensão da complexidade da linguagem quanto aos seus aspectos patológicos, subsidiando o clínico nas instâncias de avaliação, diagnóstico e terapia fonoaudiológica dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Desta forma, esta pesquisa ajudará para a melhoria do tratamento de pacientes com distúrbios na linguagem oral e escrita.

Dentre as etapas a serem desenvolvidas na pesquisa, destaca-se a que envolve diretamente os sujeitos pesquisados: *o registro em vídeo de situação de atendimento clínico fonoaudiológico* (Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS; Clínica de Fonoaudiologia da UFRGS). O registro em vídeo será feito por integrante da equipe da pesquisa, ficando o uso e armazenamento das imagens restrito ao grupo de pesquisa. Se for percebido qualquer desconforto do sujeito envolvido a gravação será imediatamente interrompida.

Os sujeitos envolvidos na pesquisa têm as seguintes garantias: garantia de sigilo absoluto quanto a sua identidade; garantia de esclarecimento sobre quaisquer aspectos da pesquisa antes e durante o seu desenvolvimento; garantia de poder abandonar a pesquisa antes e durante o seu curso sem prejuízo algum para o andamento do tratamento. Garantia de não haver nenhum tipo de custo ao participar do estudo. O participante ficará com uma cópia deste documento. **Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da UFRGS (aprovação nº 20569), situado na Rua Ramiro Barcelos, 2600, Porto Alegre/ RS. Telefone: (51) 33085698, e-mail: cep-psico@ufrgs.br.**

Declaro que, após devidamente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado e quais são as minhas garantias ao participar da pesquisa, consinto em participar do presente Projeto de Pesquisa.

_____, ____ de _____ de 202__.

Assinatura (responsável)

Assinatura (pesquisador)

Endereços e telefones para contato:

Pesquisador Responsável 1: Prof. Dr. Jefferson Lopes Cardoso

Telefone: (51) 33082025 – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

E-mail: Jefferson.cardoso@ufrgs.br

Pesquisador Responsável 2: Prof. Dra. Fabiana de Oliveira

Telefone: (51) 33038817 – Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre

E-mail: fabiano@ufcspa.edu.br